



## DO SERTÃO DE DICKE AO UNIVERSO DE ROSA: TRAVESSIA DE UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO

Gilvone Furtado Miguel<sup>1</sup>

**RESUMO:** O ensino de Literatura no curso de Letras exige leituras múltiplas para ampliar os horizontes literários. Uma experiência de leitura comparatista realizada com turmas finais é apresentada neste texto. As possibilidades de leituras das obras clássicas da literatura brasileira se abrem na perspectiva do diálogo com produções dos autores locais, tendo oportunizado a reflexão que ora se apresenta. Os romances: *Grande sertão: veredas* (1956), de João Guimarães Rosa e *Madona dos páramos* (1982), do escritor mato-grossense Ricardo Guilherme Dicke, são lidos da perspectiva do espaço sertanejo construído na linguagem singular de cada autor. Ressalta-se a preocupação em não reforçar o conceito reducionista do termo regional e/ou local agregado, historicamente, à literatura regionalista. O objetivo dessa experiência de leitura é estabelecer o diálogo entre duas linguagens criadoras, respeitando os seus criadores.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino. Literatura. Romance. Sertão. Rosa. Dicke.

## FROM THE BACKWOODS OF DICKE THE UNIVERSE OF ROSA: CROSSING OF A TEACHING EXPERIMENT

**ABSTRACT:** The teaching of Literature in the course of letters requires multiple readings to enlarge the literary horizons. A reading experience comparatista performed with final classes is presented in this text. The possibilities of readings of classic works of Brazilian literature in the perspective of opening dialogue with the authors' local productions, having provided the reflection that now presents itself. The novels: *Grande sertão: veredas* (1956), by João Guimarães Rosa and *Madonna of the stop* (1982), the writer Ricardo William Dicke Mato Grosso, are read from the perspective of space backcountry built in natural language of each author. The concern not to reinforce the reductionist concept of regional and/or local term aggregate, historically, the regionalist literature. The goal of this reading experience is to establish dialogue between two languages creators, respecting their creators.

**KEYWORDS:** Teaching. Literature. Novel. Sertão. Rosa. Dicke.

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras e Linguística – área de Estudos Literários- pela UFG (2007); docente na UFMT desde 1986; pesquisadora do Grupo de Pesquisa RG: Dicke (Cnpq) e do Grupo ADP/CUA/UFMT/CNPQ. E-mail: Gilvone.fm@hotmail.com



## INTRODUÇÃO

A experiência com o ensino de Literatura na graduação em Letras<sup>2</sup> tem me proporcionado a oportunidade de explorar leituras em diálogo, aproximando autores do contexto nacional aos autores do nosso contexto regional mato-grossense. Esta aproximação tem se tornado um desafio de crescimento nos estudos da literatura de Mato Grosso. Com uma permanente preocupação em reconhecer o posto da literatura produzida na região de Mato Grosso, sem, no entanto, restringi-la ao reducionismo do termo “regional”, tenho procurado nas narrativas os elementos que abrem portas de comunicação dialógica entre autores locais e outros nacionalmente reconhecidos. Assim, trago, nesta ocasião, a reflexão sobre uma destas experiências: entrelaçamentos dialógicos entre *Grande sertão veredas* (1986) de João Guimarães Rosa e *Madona dos Páramos* (1982) de Ricardo Guilherme Dicke realizados em estudos e investigações com turmas de Letras.

O texto literário, em especial a ficção romanesca, tem na linguagem verbal o ponto crucial da originalidade que o distingue das outras formas de arte. A ruptura dos automatismos linguísticos e composicionais proporciona, além do prazer estético, o contato com a criatividade nos processos de elaboração ficcional dos autores contemporâneos. Um enfoque no tema põe em relevo a estreita relação entre a estrutura e o sentido das obras literárias. Ganha destaque, portanto, o procedimento metodológico de estabelecer a presença de certos elementos na obra, discernindo o seu papel em importância na composição narrativa e visando à hermenêutica que se empreende na tarefa de buscar o alcance semântico da obra romanesca pela articulação de seus elementos na formação das imagens literárias, verificando como essas imagens dialogam entre si.

Assim, a proposta prioriza romances de autoria e de épocas diferentes. São narrativas de ficção do século XX, construídas sob aspectos multiformes. Os problemas do homem moderno, em sua diversidade, são captados pela arte literária ficcional e, para isso ou por isso, a narrativa sofre mudanças acentuadas em sua forma estética e de conteúdo. A forma estrutural da narrativa, baseada em componentes atados à vida do homem, permite a

---

<sup>2</sup> O curso de graduação em Letras comemora, neste ano de 2014, seus 33 (trinta e três) anos de existência no Campus Universitário do Araguaia/UFMT.



apreensão do real feita pelos escritores em produções que vão além das preocupações estéticas, revelando a inquietação diante do social, do histórico e da própria existência.

Nesta ocasião, enfocamos o espaço como *locus* privilegiado do estudo nos dois romances.

## **1. O SERTÃO: ENTRE-LUGAR CONSTRUÍDO**

Uma leitura, da perspectiva dialógica, revela que o espaço privilegiado – o sertão – nos romances *Grande sertão: veredas* (GSV) e *Madona dos páramos* (MP) é mais que um cenário, é *leitmotiv* realçado de várias maneiras, no desempenho de diferentes funções no contexto. Em busca do mapeamento dessas funções coloca-se em relevo a cartografia – real e imaginária – do processo criador de João Guimarães Rosa e do processo criador de Ricardo Guilherme Dicke, em torno do espaço do sertão mineiro e do sertão mato-grossense, respectivamente.

Na criação da realidade ficcional, os limites da região sertaneja se perdem como dado local<sup>3</sup>, adquirindo facetas universais e integradas na concepção do imaginário universalizante. O espaço local é trabalhado na constituição de uma dimensão ambígua que procura o equilíbrio entre o geográfico e o simbólico, tornando-se, assim, o patamar sobre o qual se assentam as angústias, as dúvidas, as aflições que atingem a universalidade dos homens ao experimentarem situações conflitivas. As narrativas selecionadas (GSV e MP) dialogam neste aspecto, pois ostentam uma expressão literária vital dos meandros regionais do interior do país e expõem o imaginário do espaço sertanejo, simbolicamente impregnado do sentido da travessia. Tanto Rosa quanto Dicke enfrenta o desafio de permeabilizar fronteiras reais e metafóricas, enfocando as singularidades geopolíticas e culturais do sertão brasileiro.

As obras de João Guimarães Rosa revelam-no um escritor empenhado em dar visibilidade às potencialidades latentes, em tramar novas redes de sentido, em construir narrativas estruturadas em torno de deslocamentos e desencontros, de travessias, veredas e

---

<sup>3</sup> Segundo Cândido (1971), dado “local” refere-se ao regional, “o concreto, o espontâneo, característico, particular” em contraposição ao universal.



sertões. Em Guimarães Rosa, o universo fabular está calcado na dimensão espacial histórica e mítica, donde se encena o *entre-lugar* das situações fronteiriças e de passagem constituído na sua ficção, num processo abrangente de valorização do espaço.

Já, Ricardo Guilherme Dicke é autor de narrativas de caráter mítico com o resgate de entidades lendárias, constituindo um conteúdo mitopoético, ao mesmo tempo em que trabalha os elementos da cultura local, em processo análogo ao da escritura rosiana. O romance *Madona dos páramos* resgata a permanência do mítico religioso no fenômeno imaginário do homem mesclado ao registro da regionalidade mato-grossense. Este é o cenário das desventuras dos jagunços, homens típicos da região do Mato Grosso, o do Sul e o do norte, e das regiões fronteiriças com o Paraguai e a Bolívia. Os personagens formam um bando de foragidos da penitenciária de Cuiabá que embrenha sertão adentro, a cavalo, em busca da terra imaginária de Figueira-Mãe, a Terra Prometida e promissora. Em comum, todos eles têm a sina do sertanejo endurecido pela vida rude e engastado no mundo do crime pelo impulso do desejo violento de fazer justiça com as próprias mãos, renegando a ordem social. Eles são os frutos dos conflitos geo-político-sociais de uma região de fronteiras, lugar ainda por se desenvolver; são forasteiros destemidos que enfrentam as agruras do sertão, vêem-se nos limites da subsistência lutando contra as intempéries climáticas, geográficas, além dos conflitos íntimos.

*Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, tem por referencial visível as paragens abertas dos territórios dos “gerais” mineiros. Esse referente espacial do sertão é retratado na trajetória da itinerância dos jagunços, marcada pela travessia real do território e das veredas que o identificam. Essa itinerância, geradora do deslocamento pelo espaço sertanejo, provoca a revelação da diversidade cultural fomentada pelo processo instaurado para modernizar o sertão mineiro nas primeiras décadas do século XX. Também em *Madona dos páramos*, a itinerância pelo sertão marca o desenrolar da trama narrativa e tece a rede de sentidos associada à história regional de Mato Grosso. O espaço não é um elemento de valor indiferente na percepção dos personagens, ao contrário, reveste-se de aparências e sentidos múltiplos na reconstituição do imaginário mítico (BACHELARD, 2000). É a movimentação do grupo pelo espaço inóspito que dá mobilidade à narrativa. No dinamismo criado pela alternância entre o relato da ação e a descrição do cenário local, emerge o processo literário



que resgata a cultura histórica na hibridez singular que marca a constituição do território mato-grossense enquanto Estado.

As obras dickeanas, em geral, se destacam pela maneira peculiar de retratar a natureza local na constituição de um imaginário em que, também, o espaço tem função ativa. As especificidades do sertão e da floresta mato-grossenses são trabalhadas num clima que oscila entre o real e o sobrenatural; os cenários são apresentados como locais povoados por animais selvagens nativos, ao mesmo tempo em que entidades mitológicas, folclóricas, do plano do sagrado ou do profano, convivem com os personagens no decorrer do enredo. O tratamento diferenciado dado à natureza proporciona à leitura momentos descritivos de grande beleza, concomitantes a episódios de insuflação do medo acarretado pelas adversidades dos fenômenos naturais, cuja intensidade coloca os personagens à beira da devastação da lucidez, sujeitos à perda da consciência do mundo real. A força da natureza impõe-se à fragilidade do ser, domina-o em muitas situações representadas por Dicke.

Historicamente, a definição das fronteiras geopolíticas do Estado de Mato Grosso foi realizada através de processos conflituosos em que a violência tornou-se a lei vigente nos confrontos entre grupos de fora e etnias locais na disputa pela apropriação da terra, pelo domínio político, pelo acesso ao poder econômico pela extração dos minérios e o comando das zonas de garimpagem – estes foram exercícios da jagunçagem interferindo nos rumos da história regional. No entrelaçamento de ficção e realidade, Dicke estabelece um cruzamento de dados. No sertão, ao longo do espaço percorrido pelos homens em viagem de fuga e de busca por um lugar de segurança e liberdade, são encontrados os signos da trajetória histórica da ocupação da terra e da chegada da modernização aos limites do estado de Mato Grosso, tais como ruínas de povoados, aberturas de estradas, marcas em pedras, cercas de novas fazendas, restos mortais e objetos de forasteiros. Sob o signo da valentia se fez a justiça e a lei na região mato-grossense, ainda, ao longo do século XX.

O sertão é, dessa forma, cenário, *locus* privilegiado nos projetos composicionais de ambas as obras (MP; GSV) aqui enfocadas. Captado, estudado e cartografado, tanto física quanto simbolicamente, o sertão é o espaço das discrepâncias sociais ao mesmo tempo em que impõe aos personagens os seus limites geopolíticos e naturais. Os processos que o descrevem e, simbolicamente, o personificam compreendem a demarcação das fronteiras territoriais dos



estados de Minas Gerais e de Mato Grosso e se estendem à ressonância íntima desencadeadora das profundas reflexões existenciais nos personagens.

A narrativa de *Grande sertão: veredas* retrata a mudança da forma organizacional da vida e da política no sertão com a inserção dos paradigmas da modernização que levaram à extinção da jagunçagem – teor temático do contar de Riobaldo. A narrativa de *Madona dos páramos*, por seu lado, possibilita, na multiplicidade de vozes, um substrato histórico das disputas e demarcações das fronteiras geográficas e culturais em Mato Grosso. Tanto Rosa quanto Dicke, ao colocarem seus personagens num espaço periférico, não desejam recuperar a imaginária condição de “Paraíso” que foi alimentada desde o descobrimento; ao contrário, suas ficções revelam a rusticidade da vida no interior do país – reforçada na representatividade das incongruências do sertão e na ressonância dos topônimos – tornando, o sertão, um espaço ambíguo onde se mesclam história e temporalidades em confronto. Enquanto território periférico, o sertão mineiro e o sertão mato-grossense têm função de cenário privilegiado onde o tensionamento entre os rastros do colonialismo residual (HOLANDA, 1982) e as investidas da modernização é configurado como entre-lugares fronteiriços, onde fluem várias vozes, distintos planos temporais e culturas confrontantes, “além” do geográfico:

*Além* significa distância espacial, marca um progresso, promete um futuro; no entanto, nossas sugestões para ultrapassar a barreira ou o limite – o próprio ato de ir além – são incognoscíveis, irrepresentáveis, sem um retorno ao “presente” que, no processo de repetição, torna-se desconexo e deslocado. O imaginário da distância espacial – viver de algum modo além da fronteira de nossos tempos – dá relevo a diferenças sociais, temporais, que interrompem nossa noção conspiratória da contemporaneidade cultural (BHABHA, 1998, p.23).

A capacidade de análise e reflexão do protagonista Riobaldo (GSV) em sua interpretação do mundo sertanejo é resultada do amadurecimento adquirido nas experiências das viagens pelas distâncias do sertão e pelo conhecimento prático e real dessas paragens, “quando se jornadaia de jagunço, no teso das marchas, praxe de ir em movimento” (GSV, 1986, p.47); bem como, pelo distanciamento temporal em relação aos fatos passados, ou seja, a época de seu envolvimento com a jagunçagem já é concluída e distante do tempo presente, possibilitando-lhe o olhar analítico-reflexivo acerca do sertão nos dois momentos históricos



distintos: passado e presente: “Ah, tempo de jagunço tinha mesmo de acabar, cidade acaba com o sertão. Acaba?” (GSV, 1986, p.144). Na voz de Riobaldo, Rosa desdobra as viagens pelos “Gerais” incorporando a natureza e a rusticidade da vida dos sertanejos em contraponto às novas ordens da urbanidade, da política e da lei na modernização do interior do país<sup>4</sup>.

A função do espaço-sertão enquanto espaço híbrido, onde temporalidades e alteridades se superpõem em relações culturais dialógicas, é também o espaço da população flutuante representada pelos bandos de jagunços (GSV) e pelos foragidos andarilhos (MP). Especialmente em *Madona dos páramos*, o caráter forasteiro, aventureiro, explorador, migrante, que permeia a história da povoação e da ocupação da terra no Estado de Mato Grosso, está impregnando a configuração dos personagens: homens desenraizados realizando uma travessia do sertão fechado.

Além da demarcação de fronteiras, o sertão metaforiza o espaço de transição entre a ordem social da modernização e o arcaico, entre o urbano e o regional/rural. Tal demarcação entre os espaços da civilização e do sertão fora atribuída ao Currealinho (GSV) e ao povoado de Nossa Senhora do Livramento, distrito de Cuiabá (MP), de onde os homens saem em marcha por novos espaços e novas realidades. Essas concentrações urbanas – pequenos vilarejos – marcam o início dos deslocamentos e das travessias realizadas por Riobaldo (GSV) e pelos fugitivos (MP), respectivamente. Travessia real, que abre o território do sertão ao leitor, e travessia metafórica na busca do conhecimento de si mesmo. Essa forma ficcional de atravessar e mapear novos territórios expande-se como um processo análogo à ocupação cultural de espaços desabitados e periféricos socioeconomicamente.

## **2. DE TRAVESSIAS E DE VIAGENS EM ESPAÇOS ANÁLOGOS**

A travessia se realiza nas viagens. A interferência feita pela natureza, suas intempéries e seus desmandos, vai transmudando a viagem numa trajetória regida pelo desnorteio e pela inexatidão, impregnando a itinerância do caráter da imprevisibilidade – em *Grande sertão: veredas* comprova-se no relato do desvio da viagem ao norte, porém, foram alcançar o sul de Minas Gerais; em *Madona dos páramos* o desnorteio torna-se permanente

---

<sup>4</sup> O período sócio-histórico compreendido em *Grande sertão: veredas* é o da afirmação do sistema civilizatório de governo da República, nas primeiras décadas do século XX.





no centro do sertão. Em ambos, todos os planos topográficos atravessados na busca da realização dos objetivos de vingança (GSV) e de fuga (MP) revelam uma natureza labiríntica de uma terra por mapear.

A outra face do cenário é manifestada quando o espaço ficcionalizado sofre substantiva perda de seus referenciais geo-políticos e adquire a força mítica (DURAND, 1997) de suscitar e alimentar na mente dos personagens uma visão imaginária ampla, que ressignifica o mundo e os fatos no desvanecimento das fronteiras entre o real e o sobrenatural e entre o histórico e o mítico. O sentido do mito como “tradição sagrada”, segundo M. Eliade (1972), encontra, na base religiosa, uma organização de imagens simbólicas coligidas em mitos e ritos, primando pela redundância imitativa de um modelo ritual que envolve entidades representativas do Bem e do Mal. Esse é o contexto mítico-ritual de *Grande sertão: veredas*, em que Riobaldo busca realizar contato e contrato com o sobrenatural na imagem do demônio. É o espaço do sertão que se constitui o patamar desse cenário mítico. A encruzilhada das estradas e trilhas, considerada condição geográfica necessária para o ritual do pacto com o demo, configura também signo de uma travessia dos limites do humano para o mistério do desconhecido e de seu poder. Essas estradas que se cruzam tornam-se símbolo da potência mítica que engloba a representação do Bem (Deus) e do Mal (Demônio) como dimensões opostas que têm caminhos diferentes, rumos diversos, direções antagônicas. Essa dimensão em que as oposições são claras deixa o homem, no exercício de seu livre arbítrio, numa encruzilhada simbólica em relação à escolha do caminho a seguir. A escolha feita por Riobaldo, a do Mal, deixa-o num dilema, que parece ser eterno, acerca do destino de sua alma: Deus ou ao Diabo? Nessa travessia simbólica, em que o protagonista enfrenta batalhas terrenas e espirituais, vê-se um desejo de transformação da realidade ontológica – transformação da fragilidade humana em força e poder sobrenaturais que poderão mudar os rumos e os resultados das batalhas.

Em *Madona dos páramos*, o sertão, mais do que uma paisagem, é a imagem do estado d’alma dos personagens. A deambular solitários e sem pouso pela vastidão sem fronteiras do sertão do tuaiá, o grupo vive à mercê das precárias oscilações; quanto mais se acentuam as dificuldades de sobrevivência mais se aprofunda a formação das imagens que parecem corporificar o lugar almejado. Resgata-se, dessa forma, dos relatos bíblicos a imagem mítica da Terra Prometida e da peregrinação em busca dela, cuja atualização se dá





pela inserção dos mitemas no cenário do sertão. O enredo reproduz momentos e detalhes fundamentalmente característicos do Antigo Testamento, que narra a peregrinação dos descendentes de Abraão pelo deserto hostil em busca de Canaã, a “Terra da Promissão” ou a Terra Prometida (BÍBLIA, 1999). No romance (MP), o sertão é chamado de tuaiá<sup>5</sup>, o deserto onde os personagens sofrem privações e experimentam vivências dolorosas e desesperadoras. Assim, a travessia do sertão torna-se a viagem das provações a serem vencidas na trajetória geográfica, pois, segundo os guias daquela jornada, é preciso alcançar e transpor a Serra dos Martírios para encontrar a Terra Prometida de Figueira-Mãe.

O sertão em *Madona dos páramos* se reveste de duplo aspecto: é, simultaneamente, o reduto do fracasso e da redenção do ser. Reduto do fracasso, pois eles são impedidos de realizar seu projeto de chegar à terra de Figueira-Mãe; e reduto da redenção, pois realizando ali a expiação de seus pecados – travessia existencial – serão regenerados e alcançarão o Paraíso ou a Terra Prometida que, na extensão mítica, é o céu profetizado na mitologia bíblica. Nessa criação mitopoética é possível discernir a dupla operação de abolir o tempo e de reterritorializar o espaço, transladando os personagens para a dimensão mítica do espaço utópico da terra de Figueira-Mãe, lendariamente instalada no seio do sertão – uma terra sem mapas. A projeção desse novo mundo imaginário antecipa uma promessa de felicidade, tendo como *leitmotiv* a existência dessa terra de Figueira-Mãe, o reduto emergente dos que estão à margem. É a configuração imaginária de uma comunidade interativa, numa inóspita região sertaneja, que floresce do veio das lendas e das estórias orais e tem sustentação no imaginário dos personagens.

Por outro lado, Guimarães Rosa, da perspectiva inicial do romance, coloca o protagonista de *Grande sertão: veredas* no ambiente modernizado, seguindo um estilo de vida civilizado, num tempo presente. O seu relato e toda a sua história, no passado, dão conta de um homem-jagunço que se transformou num homem civilizado; uma vez cumprida sua tarefa de vingança e de libertar o sertão das tropelias dos jagunços sem lei, Riobaldo aquieta sua vida no cessar das andanças, adaptando-se ao ritmo da modernização e da nova ordem política no sertão. A sua travessia já aconteceu; o seu interlocutor o encontra em sua fazenda, com família, enfim, como cidadão integrado numa ordem civil – é dessa posição que ele narra as

---

<sup>5</sup> Tuaiá é palavra do tupi amazonense que designa a região mais distante de seringais do Alto Xingu; por extensão semântico-simbólica, refere-se a lugar longínquo, rio acima.



suas aventuras dando, concomitantemente, o transcorrer da história local. Riobaldo é o personagem que deixa o mundo do sertão “atrasado” e se insere na modernização (SENA, 2003); o seu olhar se detém e retoma uma realidade da vida sertaneja que já não existe mais.

Já Dicke executa um projeto criador pelo caminho inverso daquele de Guimarães Rosa. Na inserção de seus protagonistas, mostra-os deixando o circuito urbano, civilizado, para adentrar o espaço fechado do sertão do Tuaiá; eles renegam a lei e a ordem social vigente; infringindo-as, criaram o motivo e a justificativa de sua fuga e de sua viagem pelo sertão. À medida que se distanciam do mundo urbano, mais vão se envolvendo e aceitando um mundo imaginário, sedimentado nos apelos míticos de suas próprias crenças e esperanças.

O transcurso geográfico dos bandos, em ambos os romances, é referenciado pelos marcos topográficos que adquirem estatuto de pontos cardeais como guias e norteadores. Em *Grande sertão: veredas*, o Rio São Francisco é a referência principal de localização; os rumos são definidos a partir dele. Em *Madona dos páramos*, ganha esse estatuto indicador de direção a Serra dos Martírios. Ambos, Rio São Francisco e Serra dos Martírios, ecoam a existência permanente das dificuldades da travessia.

No dinamismo da formação das imagens em *Madona dos paramos*, os foragidos dão formato e estrutura a uma comunidade imaginada, alternativa, periférica e avessa ao modelo da modernização e da ordem social estabelecida como parâmetro de organização e justiça. Da sua imaginação flui um território arcaico paralelo à modernidade – terra de Figueira-Mãe, cuja demarcação é a Serra dos Martírios – aberta à recepção de toda diversidade de habitantes de margens, seres excluídos da história e da ordem social e política, a minoria periférica que encarna as mazelas humanas na capacidade de praticar o mal e que a territorialidade fixa dos centros urbanos alija do convívio – nas prisões – e até, metaforicamente, expulsa para os arrabaldes: margens. A travessia de uma realidade a outra se dá pelo influxo da transitividade territorial, pelo redimensionamento da paisagem e pela transformação da noção de fronteira e de limites espaciais.

Essa itinerância, geradora do deslocamento pelo espaço sertanejo, é, em *Grande sertão: veredas*, também provocadora da revelação da diversidade cultural – incluindo as formas de vida social na família e no trabalho, as crenças e a religiosidade mítica, a manutenção das tradições e a aceitação das inovações modernas – latentes ou patententes nos



atritos, choques e conflitos surgidos das alterações e das mudanças impostas pelo processo instaurado para modernizar o sertão mineiro.

Também, em *Madona dos páramos*, a itinerância pelo sertão marca o desenrolar da trama narrativa e tece a rede de sentidos associada à história regional de Mato Grosso. Na constituição dos trâmites romanescos, o sertão bravo de Mato Grosso passa de obstáculo do cenário exterior a reflexo do cenário interior dos personagens, no processo de problematização do homem na revelação de sua força, resistência, coragem, determinação, enfim, de suas qualidades e habilidades racionais e sentimentais. A caminhada prolongada, acontecendo num espaço labiríntico, vai, no transcurso da narrativa, expondo o desgaste dos personagens física, moral e espiritualmente. As categorias narracionais de tempo e espaço são, assim, imbricadas no desenvolvimento do enredo, convergindo para uma visão introspectiva da condição humana. Exterior e interior refletem-se na relação homem/mundo, um universo que, com suas forças naturais, escapa ao domínio domesticador do homem:

Vão passando agora por ressecos adustos, pontilhados de cupinzeiros negros e amarelos, à luz do sol do meio-dia sem anteparos, daqui a pouco aparecerão os pedregais do Cerejo, com seus matacões avultados e desordenados, sem vento, sem caminhos, onde zanzam almas de viajantes assassinados e perdidos. O buritizal perdeu-se na caminhada com seu rumor de palmas bom para os ouvidos, as patas dos cavalos transportam agora os homens em plena solidão aberta, imensa. O tempo parece que vai e volta, terras bárbaras, enormes, místicas, puras, ingênuas, incendiadas, ásperas (MP, 1982, p.53).

No entrelaçamento de ficção e realidade, Dicke estabelece um cruzamento de dados. No sertão, ao longo do espaço percorrido pelos homens em viagem de fuga e de busca por um lugar que, lendariamente, prometia proteção, segurança e liberdade, são encontrados os signos da trajetória histórica da ocupação da terra e da chegada da modernização aos limites do estado de Mato Grosso:

\_ Sabe, perto daqui, a uma légua mais ou menos, fica uma fazenda, não sei se ainda existe, o mais certo é existir, a gente podia trazer alguma carne de boi, a fazenda Boa Vista, se não me engano, de um coronel Lereno – explica Chico.

\_ Diabo. Esse homem vir formar fazenda tão recuado...

\_ Coisa de mangação, ele está metido em altos contrabandos, é coiteiro de ladrão rico, aqui nestas lonjuras ele pode fazer das suas sem ser molestado.

[...]



\_ Boiadas, diamantes, carros, mulheres, marijuana, tudo entra por aqui, até o portão da fazenda Boa Vista, vindo da Bolívia e do Peru, por aí a fora... Tirante os garimpos, os seringais que o coronel tem ... Aqui são os limites, para a frente já não há moradores, nem habitantes conhecidos, nem nada (MP, p.56-7).

### 3 DE TERRITÓRIOS E DE FRONTEIRAS

O conceito contextualizado de territorialidade traz embutido o conceito de fronteira<sup>6</sup>. A história da constituição do território mato-grossense é recheada de cenas e eventos regidos pela violência. Sob o signo da valentia se fez a justiça e a lei na região, ainda, ao longo do século XX. A demarcação das fronteiras geográficas se deu – desde a incursão dos bandeirantes pelas matas virgens no século XVIII – pelos métodos de agressão violenta à localidade, seja na captura de índios para o serviço escravo, seja na exploração das minas de ouro e diamantes, até a disputa dos limites oficiais entre Mato Grosso e Goiás, nas primeiras décadas do século XX. A população sertaneja local e as comunidades indígenas foram, historicamente, destituídas de suas posses, de sua cultura e de sua dignidade, pela invasão de forasteiros, aventureiros e exploradores de índoles diversas. As marcas dessa época, emblematizadas na ficção de Dicke, ficaram espalhadas pelo território que é percorrido pelos fugitivos errantes e, nesse processo, oportuniza aflorar a constituição híbrida da cultura e do povo mato-grossenses, hibridez essa presentificada na diversidade da origem dos homens do bando e confirmada na riqueza dos relatos de cada um deles que levanta dados e informações sobre hábitos, modos de vida, crenças e ideologias que os identificam como seres socioculturais.

A cartografia dos territórios – do sertão/região no passado e no presente, em *Grande sertão: veredas*, do sertão real de Mato Grosso e do território imaginado da terra de Figueira-Mãe em *Madona dos páramos* – permite o agenciamento da hibridez e da transmigração que desloca, atravessa e viaja dentro das obras – revelando a transmutação da face regional. Riobaldo (GSV) relata a transformação do sertão rústico em lugar modernizado (FANTINI, 2003), embora não deixe de denominá-lo sertão. O seu projeto de livrar o sertão da

---

<sup>6</sup> O conceito de território é entrelaçado ao sentido de nação e pátria, que se expande ao “além” do geográfico e inclui na definição a consideração do sentido de fronteiras e limites (BHABHA, 1998).



jagunçagem foi realizado e gerou a mudança; ele acompanha e participa das transformações do sertão num lugar adaptado à modernidade.

Na ficção dickeana (MP) verifica-se um resgate dessa cartografia do sertão para uma ressignificação do espaço. O processo de imaginação que promove a ressignificação do lugar corporifica o potencial utópico que quer dar realidade a uma nova nação, a uma nova pátria, um novo perfil à região – a terra de Figueira-Mãe. A fundação desse lugar passa pela demarcação de novas fronteiras, passo inicial para se eleger o novo lugar como pátria. Essa visão de uma nova pátria remete à situação do exilado que, pelo desterro, se vê desenraizado do seu lugar: “a sombra da nação se projeta completamente sobre a condição do exílio”, afirma Homi Bhabha (1998, p. 200). A fuga pelo sertão, num processo de errância à procura de um lugar imaginado para se radicar, dá sustentação ao imaginário que quer mapear o novo território, localizá-lo e a ele pertencer. Nesse perfil, há a identidade de uma nova nação em proporção mínima, simbólica, com uma forma de ordem, de lei e de liderança opostas à ordem vigente, porém estabelecendo uma nova estrutura geográfica e social. Assim, a terra visionária de Figueira-Mãe ocupa posto de entre-lugar, de “terceira margem”, tanto na relação entre os espaços urbanos e o sertão, como na relação mítico-religiosa entre o céu e a terra, figurando como um “mais além” do que pode ser comprovado pela capacidade lógica do homem. O entre-lugar como o espaço “entre” – nem um nem outro – mas, no intervalo, na lacuna “entre” o espaço urbano e o sertão; “entre” o real e o mítico; “entre” o senso de percepção lógica e a imaginação visionária.

Verifica-se, então, um processo disjuntivo entre a modernidade urbana e o sertão mítico: à medida que as marcas da moderna civilização avançam, o mítico tende a ser dissolvido, passando a predominar o pensamento lógico-racional – situação essa contextualizada em *Grande sertão: veredas*; no reverso, à medida que aumenta a distância temporal e geográfica entre a civilidade urbana e o sertão retrógrado, desabitado e imenso, mais se aprofundam e enriquecem as imagens de um pensamento mítico, primitivo, fundacional, como ocorre em *Madona dos páramos*.

O espaço real, esgarçado no projeto ficcional, assume dupla função no bojo literário dos romances estudados. Inquestionavelmente, evidencia a hibridez étnica e cultural manifestada no perfil histórico-social que, na totalidade da obra, surge como decorrência natural do processo de colonização que marca os fundamentos das origens da nacionalidade



brasileira<sup>7</sup>. A poética rosiana desses entre-lugares pode ser associada à imagem da emblemática “terceira margem”, cunhada por Guimarães Rosa:

O convívio tensionado entre vários e diferenciados pólos se materializa, sobretudo, na ‘terceira margem’, emblemática imagem rosiana dos entre-lugares fronteiros, onde surge a oportunidade de intercâmbio entre categorias distintas e mesmo polarizadas. Bem e mal, centro e periferia, razão e intuição, arcaico e moderno, um sem-número de leituras de mundo, com o imbricamento e a superposição de línguas contrabandeadas de formações culturais de variadas procedências desfilam nas móveis fronteiras ficcionalmente concebidas por Rosa para representar o modo de formação híbrida e heterogênea do continente latino-americano (FANTINI, 2003, p.75).

A função do espaço-sertão enquanto espaço híbrido, onde temporalidades e alteridades se superpõem em relações culturais dialógicas, é também o espaço da população flutuante representada pelos bandos de jagunços (GSV) e pelos foragidos andarilhos (MP). Essa imagem móbil associa-se à itinerância, ao nomadismo, à fluidez identitária presente na história da ocupação dos lugares vazios.

O sentido da travessia, enquanto transcurso topográfico daquelas regiões sertanejas, é complementado com o inventário da fauna e da flora componentes de uma poética das paisagens exercitada nos meandros das narrativas. O composto verbal é enriquecido pelo primor descritivo que capta as singularidades visuais e sonoras, no plano físico-material do sertão, e vivifica as potencialidades míticas, sobrenaturais, daquela natureza exuberante e exótica, embora nem sempre esteja ela personificando a Natureza-Mãe, assumindo, mais vezes, o papel de uma natureza desafiadora e intransponível. Assim, a natureza torna-se elemento integrante da viagem, expandindo o campo das significações simbólicas e interferindo no sentido do percurso dos viajantes. Em *Grande sertão: veredas* se configura a errância no relato do desvio da viagem ao norte em que foram alcançar o sul de Minas Gerais:

Afiguro. Desde o começo desconfie de que estávamos em engano. [...] Que andávamos desconhecidos no errado. Disso tarde se soube – quem que guiava tinha enredado nomes: em da Virgem-Mãe, creu de se levar tudo para a Virgem-da-Laje, logo lugar outro, vereda muito longe para o sul, no sítio que tem engenho-de-pilões. Mas já era tarde (GSV, 1986, p.334).

---

<sup>7</sup> Sérgio Buarque de Holanda define as marcas históricas do colonialismo na formação do povo e da nação brasileira, pautando-se nas dicotomias básicas, na exploração das polaridades constitutivas do caráter do povo brasileiro herdadas da cultura ibérica (1982).





Em *Madona dos páramos*, à procura da Serra dos Martírios, eles se perdem andando em círculos: “\_ Hum, por mim me parecem sempre errados os lugares. Parece mesmo que já cruzei por aqui outras vezes nesta mesma viagem. [...] Haja voltar, acredito, à fazenda Bela Vista, para agarrar o caminho de novo para ter a certeza” (MP,1982, p.141). Os roteiros e direções se esfumaçam diante deles causando a sensação do vazio e reforçando o desejo de acertar.

Ao sentido da viagem agregou-se, na literatura, o valor simbólico da travessia, que está consagrado desde a publicação de *Grande sertão: veredas* – referencial incontestável. Neste contexto de estudo, é pertinente agregar-se também, e de maneira a reforçá-lo, o valor simbólico da errância. Em definição, além do desnordeio associado a uma jornada, há também o sentido das tentativas de aprendizagem e conhecimento, de procura e desencontros, de persistência e continuidade, apesar do insucesso constatado. As viagens de Riobaldo (GSV) culminaram em *travessias*: objetivos alcançados, projetos realizados; o protagonista chegou a um porto seguro e se instalou. Já a viagem dos doze protagonistas (MP) tornou-se uma *errância* pelo sertão: uma movimentação itinerante e permanente, sem alcançar o destino almejado de transpor a Serra dos Martírios e se instalar na terra de Figueira-Mãe.

O deslocamento territorial, as viagens, as andanças, provocam um deslocamento da perspectiva narrativa para se estabelecer o trânsito entre o real e o mítico. A versão ficcional que abrange a hibridez cultural e histórica é, no entanto, mesclada ao viés do mito, como representação do imaginário dos grupos postos à margem da história e da sociedade pela política ideológica tradicional. Desta perspectiva, o processo literário pauta-se no resgate da função simbólica da imaginação e do imaginário como formadores da base da nova concepção de homem, de mundo e da relação homem/mundo, por meio de motivos e elementos mitológicos<sup>8</sup>. Segundo E.M. Mielietinski (1987), a constituição simbólica do mito permite à literatura alcançar a representação dos valores universalmente humanos, firmando-se o mito como fonte de formação da narrativa.

O sertão que, para Riobaldo (GSV), proporcionou a realização, para os fugitivos (MP) tornou-se reduto de seu fracasso; para Riobaldo, o sertão foi o espaço de sua passagem, de suas travessias; mesmo entranhado em seu ser, geograficamente, ele o atravessou; na

---

<sup>8</sup> Na perspectiva contextual dos estudos da crítica literária, presentifica-se o processo de renascimento do mito na literatura, processo denominado de “remitologização” por E.M. Mielietinski (1987).





narrativa de Dicke, eles não conseguem atravessá-lo, pois andam em círculos, e assim, o sertão torna-se seu lugar de permanência e inquietação, pois ficam em *errância* constante, permitindo instaurar, por isso, a ponte com o eterno mítico, o *in-illo-tempore*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse texto procura dar formato mais científico às reflexões surgidas de uma experiência prática no ensino da literatura. Vários pontos foram elencados para observação e investigação nos textos literários dos romances *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa e *Madona dos páramos* de Ricardo Guilherme Dicke, como proposta de estudos literários com as turmas de Letras.

Dentre os pontos investigados na construção das obras, alguns ganharam maior evidência e receberam, neste artigo, um tratamento científico para adequada expressão dos resultados alcançados.

A travessia do sertão, nas narrativas, é apresentada ao leitor em seu aspecto concreto que, naturalmente, constitui o primeiro o plano dos enredos, ou seja, percebe-se uma jornada itinerante pelo território do sertão mineiro em *Grande sertão: veredas* e pelo sertão mato-grossense em *Madona dos páramos*; os outros sentidos dessa travessia – existencial, cultural, histórica, mítica – estão potencializados nos meandros da linguagem literária e foram descobertos no processo da leitura crítica.

A partir dessa perspectiva, os estudos e discussões realizados nas turmas de Letras/UFMT/CUA trouxeram a lume relações e fios de entrelaçamentos nas duas criações ficcionais. Destarte, pontuamos, nas duas obras, material transbordante de elementos para instigar e sustentar a discussão dialógica que fora proposta aos leitores em formação literária, gerando uma abordagem comparatista.

A experiência realizada com as turmas finais da Graduação em Letras confirma a produtividade de uma leitura crítica que acrescenta novas visões na percepção de aspectos universais bem como regionais e amplia a formação literária, pois novos conhecimentos foram gerados acerca do regionalismo e do universalismo literário.



## **REFERÊNCIAS**

- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: EdUFMG, 1998.
- BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEBRA**. São Paulo e Barueri: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- CÂNDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira**. São Paulo: Martins, 1971, v.2.
- DICKE, Ricardo Guilherme. **Madona dos páramos**. Rio de Janeiro: Antares; Brasília: INL, 1982.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- FANTINI, Marli. **Guimarães Rosa: fronteiras, margens, passagens**. Belo Horizonte: EdUFMG, 2003.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1982.
- MIELIETINSKI, E. M. **A poética do mito**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- SENA, Custódia Selma. **Interpretações dualistas do Brasil**. Goiânia: EdUFG, 2003.